Compreensões para a pesquisa (auto)biográfica em música: apresentando a problemática da pesquisa

Comunicação

GTE 04: Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Arthur de Souza Figueirôa
Universidade de Brasília
arthur_figueiroa@hotmail.com

Resumo: O presente artigo consiste em um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, e aponta a construção da problemática, bem como as questões e objetivos. Apresento como interesse pelo tema – o movimento (auto)biográfico – que surge a partir dos desdobramentos da pesquisa concluída de mestrado em música. O objeto de estudo consiste nas experiências musicais de destacadas pesquisadoras da área de Educação Musical que discutem a Pesquisa (Auto)Biográfica. A construção teórica da pesquisa de doutorado em andamento está ancorada na Pesquisa (Auto)Biográfica, em especial, nos construtos teóricos da autora Marie-Christine Josso, no que se refere à formação do sujeito. O objetivo geral consiste em compreender, pelas experiências musicais, como a música é evidenciada e compreendida em produções científicas de professoras formadoras, pelos sentidos produzidos para si mesmas e para o outro. Os objetivos específicos consistem em entender como esses sentidos produzidos pelas autoras com a música evidenciam seus dispositivos de formação em suas histórias de vida; como ressignificam suas experiências musicais em seus escritos de si, bem como pelas narrativas (auto)biográficas; e compreender como constroem conhecimento para a área a partir da tomada de consciência de seus processos formativos. Entendo que pelo processo de escuta do sensível pode se ter a compressão da dinâmica entre as “notas musicais” vividas e os sentidos das experiências com elas, que emergem de suas histórias de vida.

Palavras-chave: Experiências Musicais, Ateliê Biográfico de Projeto, Pesquisa (Auto)Biográfica, Educação Musical.

Introdução

O presente artigo consiste em um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, e aponta a construção da problemática, bem como as questões e objetivos. O interesse pelo tema – o movimento (auto)biográfico – surge a partir dos desdobramentos da pesquisa concluída de mestrado em música, realizada no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília – UnB, e produziu em mim sentidos para a pesquisa em música que

se desvelaram inesperados, uma vez que potencializou o foco de um pesquisador narrativo até então em formação. Tal reconfiguração apontou para novas perspectivas em torno do tema, pois a investigação na área de música ressignificou entendimentos de si e do outro, evidenciando então esse processo como formativo. A compreensão do que venho denominando como movimento (auto)biográfico se deu na fase de análise da referida pesquisa, sendo este percebido pela forma em que as memórias formativas eram evocadas e ressignificadas, e a sua definição consiste no

> [...] ato do sujeito mover-se na busca de memórias relacionadas àquelas experiências formativas que produziram sentido no instante que são ligadas pela narrativa. Existe um ir e vir nesse processo, por exemplo: o sujeito pode criar um laço com uma determinada experiência evocando memórias, porém pode ficar apenas na dimensão abstrata e não produzir novos sentidos. O ir e vir do movimento (auto)biográfico faz-se necessário para que o sujeito construa os sentidos. Nesse caso, o laço não tem a mesma função do movimento (auto)biográfico, mas está em função deste, uma vez que o laço é construído para fazer ligações de memórias formativo no sujeito, que fará produzir os sentidos contextualizando-os no presente da narrativa. (Figueirôa, 2017, p. 75)

O objeto de estudo consiste nas experiências musicais de destacadas pesquisadoras da área de Educação Musical que discutem a Pesquisa (Auto)Biográfica. A construção teórica da pesquisa de doutorado em andamento está ancorada na Pesquisa (Auto)Biográfica, em especial, nos construtos teóricos da autora Marie-Christine Josso, no que se refere à formação do sujeito que se constitui e aponta para processos de tomada de consciência, cujas representações revelam suas potencialidades e processos de criação. A partir de seus escritos, no que se refere ao conhecimento de si apresentado conceitualmente por Josso (2010) acerca da formação do sujeito, entendo que ter compreensão desse conhecimento envolve um movimento de refletir sobre o sujeito, que tem de si mesmo uma visão do humano cujo conhecimento intelectual atende a uma funcionalidade prospectiva, integrando a participação de um processo criativo de si, cujas tomadas de consciência são suscitadas pelo próprio sujeito (Josso, 2010).

Como dispositivo teórico-metodológico será utilizado o ateliê biográfico de projeto, que se inscreve na dimensão do como se dá a construção da experiência do sujeito e da história de vida. É um procedimento cuja dinâmica inscreve a história de vida numa

prospecção que une passado, presente e futuro, trazendo novas perspectivas de seu projeto pessoal para o futuro, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e dessa história de vida como espaço para mudança, aberto ao projeto de si (Delory-Momberger, 2006).

Esse dispositivo formativo apresenta uma amplitude para ser adequada a diversos públicos distintos, tanto universitários quanto profissionais. Nesse caso, os participantes tomam conhecimento com antecedência a respeito do tema e os encontros seguem seis etapas, cuja intensidade tende a aumentar de acordo com o envolvimento ordenado de seus participantes colaboradores.

A Construção da Problemática

A fim de apresentar a problemática da pesquisa em andamento, gostaria de adensar nesse diálogo abordando como têm sido formativos os primeiros contatos com o curso de doutorado em música, estabelecendo, a priori, reflexões que envolvem minhas leituras e compreensões delas, articuladas com o desenvolvimento da pesquisa em andamento. Assim, discorro sobre a minha rede de interesses que impulsionou esta pesquisa e tem me instrumentalizado para discutir e problematizar meu objeto de estudo.

Ensejo retomar para essa discussão o contexto da pesquisa de mestrado que trouxe amplas e, possivelmente, imprescindíveis contribuições para meu processo formativo, além de situar-me na Pesquisa (Auto)Biográfica. Compreender, na história de vida de professores de música, como constroem laços com escola de educação básica foi o objetivo central que me ocupou no desenvolvimento da pesquisa de mestrado, na qual busquei evidenciar como as experiências dessas professoras contribuem na formação desses laços, e entender nas narrativas (auto)biográficas como essas professoras se tornam sujeitos da experiência. Esses laços constituíram-se, a partir dessa pesquisa, como dispositivos formativos, cujos sentidos são construídos e reconstruídos por essas histórias que são trazidas à tona. E esse movimento (auto)biográfico que faz emergir os relatos de experiência. Portanto, é a partir desse movimento (auto)biográfico que professores de música constroem laços, quais sejam: Pela sua formação com a música, pela História de Vida imbricada com o contexto escolar e pelas práticas musicais de vida.

Esses movimentos que foram evidenciados me levaram a buscar o entendimento de como processos e dispositivos formativos se desvelam em seus sujeitos e de que forma a música se comporta nesse movimento do sujeito em si mesmo. Minhas primeiras inquietações se estabelecem nesse espectro, cujas estruturas de formação do sujeito se imbricam com sua musicalidade, ou seja, de que forma a música pode se comportar como um fenômeno no sujeito e como ele se torna consciente de seus processos formativos. Talvez esse seja apenas o início de uma busca por algo que está para se desvelar em todo o processo de investigação, pois como Josso nos provoca a refletir:

> [...] o que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que esse reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. (Josso, 2004, p. 58)

Entendo que chegar a esse lugar de um "metaponto" de vista cuja reflexividade do sujeito sobre tais processos de formação trará não só evidências de uma tomada de consciência, mas da consciência sobre ela, ou seja, a consciência da tomada de consciência. Se estivermos num lugar cuja tomada de consciência seja um movimento autônomo do sujeito em que a reflexividade toma uma atitude mais ativa, poderemos alcançar essa criação e exploração mencionada pela autora, e gerir suas próprias margens de liberdade.

Certamente estamos adentrando em algo mais profundo quanto ao que entendemos sobre formação, fenômenos e tomadas de consciência. Para isso, será exigido um olhar não apenas para o que o sujeito narra, mas sim, uma instrumentalização desse, que me permita conjuntamente ao sujeito dessa formação, aproximar dessa atividade mental em que o sujeito "está consciente de que seu referencial resulta de aprendizagens anteriores, reconstituindo sua gênese e suas transformações, de tomar consciência das adesões e apegos a certas ideias e valorizações e dos limites que estas impõem a seu olhar e suas análises" (Josso, 2010, p. 123).

Talvez minha abordagem seja um pouco estreita no momento, mas intento refletir um pouco com os autores no que tange a algumas compreensões que têm-me norteado para iniciar, a priori, uma problematização de meu objeto de estudo. Pensando, talvez, numa construção de um olhar mais analítico para a Pesquisa (Auto)Biográfica e a música, questiono o lugar que ela tem ocupado nessas pesquisas de cunho (auto)biográfico sob amplos e complexos aspectos como formação, memórias, história de vida, dentre outros. Essa perspectiva pode revelar como têm sido os olhares para a música, mas talvez não seja suficiente para revelar a totalidade de seus paradigmas e contradições que precisam de ter seu lugar epistemológico igualmente legitimado.

Assim, inicio essa discussão pensando, primeiramente, numa perspectiva da Pesquisa (Auto)Biográfica, reconhecendo seu lugar de teorização sobre a música em suas investigações, evidenciando um olhar para suas potencialidades e redes de sustentação que a impulsionam para uma fonte hermenêutica da força da narrativa que a acolhe em seus contornos, instrumentaliza e produz novos saberes. Lembro-me de que há um pressuposto teórico-metodológico, qual seja a Pesquisa (Auto)Biográfica, que tem me instrumentalizado no que tange à minha forma de enxergar a pesquisa e todos os processos que estão postos diante de mim. Os conceitos de história de vida, da produção de sentidos, da invenção de si, dos sujeitos da experiência, da formação, da tomada de consciência, da atenção consciente, dentre outros tão caros à Pesquisa (Auto)Biográfica, certamente têm-me enriquecido enquanto pesquisador e autor, e que eles tornam meu olhar e escuta mais atentos para meu objeto de estudo. Refiro-me a uma antecedência de uma nova jornada como pesquisador, assim como quem busca por iluminação, pois compreendo que essa jornada que se desvela inicialmente me impulsiona a querer compreender ao máximo o seu panorama. Para isso, vou trazer algumas discussões que hoje se mostram como caminhos teóricos que poderão me ajudar nessa compreensão.

Acredito que dentre as minhas primeiras leituras está o pensamento da filosofia da música de Wayne Bowman, que me fez pensar sobre como nosso olhar para ela se configura nos dias de hoje em relação às perspectivas filosóficas e à forma como dialogamos com ela. Em um primeiro entendimento, questões particulares de nossa área merecem uma atenção especial quando consideramos aspectos da necessidade humana em atribuir sentidos e

significados ao mundo e àquilo que se configura nele. Essa necessidade move o sujeito a um saber que o legitima e o constitui como autônomo do seu pensar e compreender.

Deparamo-nos com questões existenciais do ser e suas dimensões que o atravessam e o deformam, transformam, reconstroem. Minha intenção aqui não é apresentar uma discussão mais aprofundada a respeito da filosofia da música, mas trazer um pouco do meu entendimento de como as discussões de Bowman (1998) me atravessaram e ampliaram percepções sobre o que pretendo investigar. Não se trata de uma busca por uma verdade musical, necessariamente, pois, para o autor, "embora a filosofia seja corretamente concebida como uma busca pela verdade, sua própria natureza é tal que ninguém a alcança completamente[1]" (Bowman, 1998, p. 04, tradução nossa). Mesmo assim, estamos em um campo que pode parecer bastante complexo, e tenho certeza de que o é, porque dentro de uma abordagem filosófica o óbvio é ressignificado, desfamiliarizado, distanciado do simples. Acredito que para nós, pesquisadores da música, é bem mais do que isso, na verdade, pois, como nos diz Bowman são "ideias que lançam luz sobre a natureza e o valor da música em particular[2]" (Bowman, 1998, p. 03, tradução nossa). Evidenciar a natureza da música e como ela se manifesta no sujeito pode ser algo pertinente à filosofia, especialmente se estamos falando de uma música que se manifesta e acontece nesse sujeito, entendo que separar o domínio da música do resto da experiência humana é arbitrário e redutor (Bowman, 1998).

No esforço de tecer um diálogo a partir de minhas leituras e compreensões sobre o autor, portanto, busco apresentar meus entendimentos para, talvez, ir em direção ou mesmo me aproximar das atitudes e objetivos que são representativos da sua investigação filosófica, como estar disponível para assumir riscos conceituais, e experimentar novas formas de conceber a música. Entendo, com o autor, que esse posicionamento diante do seu objeto de estudo revela um desejo de ver as coisas como elas são, a partir de uma consciência de que a maioria das coisas são de muitas maneiras (Bowman, 1998).

No entanto, o que poderá evidenciar a natureza do comportamento de seu objeto de estudo e como ele se manifesta, senão o curso do olhar instrumentalizado ao se dirigir a ele,

[1] Do original: "[...] for while philosophy is rightly conceived as a quest for truth, its very nature is such that no one achieves it completely." (Bowman, 1998, p. 04)

[2] Do original: "[...] ideas that shed light on the nature and value of music in particular." (Bowman, 1998, p. 03)

cujo empirismo arrebata o julgamento nocivo do *status quo*, e é retroalimentado pela conjectura das certezas.

Mobilizando e dialogando com os instrumentos propostos, avanço em entendimentos de minha investigação pessoal buscando desacelerar para ir além do óbvio que se coloca à frente, oportunizando maior reflexividade em torno do objeto de estudo e de sua natureza. Talvez nesse exercício de refletirmos sobre nossas atitudes ou posicionamentos a respeito das intencionalidades que estão envoltas nelas nós possamos alcançar o que Sokolowski (2004) chama de atitude fenomenológica. Mas por que fazemos isso? Por que devemos imergir tanto no indivíduo a fim de alcançar pensamentos, elucidar intrigas, interesses e intencionalidades? O que fazemos com isso? Talvez, o conhecimento que se constrói a partir desse caminhar para si torna sua própria história um objeto de investigação, extraindo saberes para si e para o outro, fazendo o registro dessa construção a fim de evidenciar o processo formativo do sujeito em seu contexto social e histórico. Talvez seja um caminho, um exercício de encontrar os sentidos que dão nome à sua existência. Entendendo com o autor em seu olhar para o conhecimento que emerge do sujeito, significa pensar e descrever analiticamente as intencionalidades do particular e seus correlatos, bem como a crença no mundo, com o mundo como seu correlato (Sokolowski, 2004). O autor nos provoca a ter compreensão dos sentidos da objetivação da consciência, sendo ela relacionada às nossas percepções de mundo, e estando ligadas às nossas intencionalidades.

Isso nos move a perceber que não é apenas ter conhecimentos dessas intencionalidades e como elas atuam, mas exercitar um olhar consciente para a consciência dessas intencionalidades. Reflitamos:

> "Ser" não é apenas "como-coisa"; o ser envolve manifestação ou verdade, e a fenomenologia olha para o ser primariamente sob sua rubrica de ser verdadeiro. Olha para o ser "humano" como o lugar em que a verdade ocorre. Terminadas todas as suas investigações-cartesianas anotadas sobre os modos de redução, a fenomenologia está apta a recuperar a antiga questão do ser, que é sempre nova. (Sokolowski, 2004, p. 73)

O que surge de novo a partir dessa consciência da consciência, senão a própria invenção do “Ser” em suas dimensões no mundo? Imagino estar adentrando, quase que acidentalmente, no campo da fenomenologia hermenêutica e, para tanto, precisarei

aprofundar-me mais para termos um tempo de discussão de maior qualidade. Acredito que evidenciar o meu processo formativo desvele minhas próprias manifestações de ser-no-mundo que descortinam minhas indefinições, contradições e fragilidades. Não refutarei tal pensamento, nem enxergo o porquê de fazê-lo propositalmente nesse momento, mas entendo que se meus processos apontarem para um pensar mais reflexivo e consciente, poderá instrumentalizar meu olhar para meu objeto de estudo.

O que significa, então, uma fenomenologia hermenêutica? Para Seibt, é o "retorno à condição insuperável do ser-no-mundo que dá vitalidade e liberta o pensamento para o seu ser de possibilidade" (Seibt, 2012, p. 87). No entanto, o autor nos provoca a pensar na distinção entre a reflexividade e o que ele chama de "compreender hermenêutico". Para ele, a reflexividade está mais focada no instante do sujeito, enquanto que o compreender hermenêutico se ocupa em acompanhar o acontecer que se realiza. Quando falamos de ter consciência da tomada de consciência, estamos considerando esse acontecer em fluxo no sujeito, ou estamos mais preocupados com um recorte de um acontecimento, cujas análises e compreensões estão mais lentificadas para uma reflexão aprofundada? O autor nos faz pensar no quanto estamos avançando em nossas pesquisas no que diz respeito a esse olhar da compreensão hermenêutica sobre a vivência do sujeito, pois, para ele "é preciso olhar para dentro e escutar a própria vida em que se vive" (Seibt, 2012, p. 93).

Entendo, com Josso, que a partir da reflexividade nos aproximamos de um modo de pensar mais e melhor, na busca pela produção do saber, buscando na particularidade do processo formativo as potencialidades do sujeito e a legitimidade de um ponto de vista social. Além disso, acredito que para tais potencialidades emergirem é necessário um processo reflexivo desse sujeito que narra e apresenta suas experiências, atribuindo e ressignificando sentidos para suas práticas de vida. Acredito que avançamos quando olhamos para o sujeito que é consciente de seu processo formativo, pois como nos faz pensar Josso:

> O desafio que se perfila no horizonte de um projeto de conhecimento reside, neste ponto da reflexão, na capacidade de cada um viver como sujeito da sua formação, em outras palavras, de fazer tomadas de consciência não somente para a reivindicação de ser sujeito, mas para sua realização, por mais difícil e frágil que possa ser [...] contribui para a constituição de um sujeito que trabalha para a consciência de si e de

> seu meio, bem como para a qualidade de sua presença no mundo. (Josso, 2010, p. 27)

A autora conecta a relação da consciência de si com a qualidade da presença do "ser no mundo", ou seja, diz respeito ao que o sujeito faz consigo mesmo e que conhecimentos e saberes emergem desse processo para si e para o outro. No entanto, para que se chegue à tomada de consciência da consciência é necessário, segundo Josso, que cada indivíduo faça a si mesmo o seguinte questionamento: "o que foi e é testemunha das tomadas de consciência que marcam minha vida? Ou, o que é que, em mim, sabe que eu faço uma tomada de consciência?" (Josso, 2010, p. 126). Percebamos juntos que a autora trata de uma "metarreflexão" que conduz, necessariamente, a um quadro de transformação do sujeito que aprende pela tomada de consciência, sendo ele próprio o agente dessa metarreflexão, dessa transformação, dessa aprendizagem, dessa formação. "É uma metodologia de abordagem do sujeito consciencial, de suas dinâmicas de ser no mundo, de suas aprendizagens, das objetivações e valorizações que elaborou em diferentes contextos que são/foram os seus" (Josso, 2010, p. 125).

Em sua espiral retroativa do caminho para si, Josso (2004) traduz esse movimento no sujeito conforme ele apresenta e desencadeia eventos que são classificados como: 1 – a evidência do processo de formação; 2 – a evidência do processo de conhecimento, e; 3 – a evidência do processo de aprendizagem. Para a autora, a tomada de consciência é fator preponderante para o aprofundamento e apropriação em cada fase nessa espiral, sendo eles "circuitos abertos e retroativos, permitindo um aprofundamento progressivo no momento de uma nova apropriação do questionamento" (Josso, 2004, p. 61).

Compreendo que cada etapa da pesquisa é uma experiência que requer uma consciência da tomada de consciência sobre aquilo que se configurou e se (re)configura como formativo, cujas demandas experienciais do sujeito são ressignificadas, produzindo sentidos que constituem o seu projeto de si.

Pensando nessa perspectiva, passei a refletir sobre como consegui avançar no que se refere à escuta do sensível e à atenção consciente, já mencionada anteriormente. Estar atento ao momento de elaboração do sujeito que gera o movimento do seu eu para transformações de seus sentidos, dos contextos de vida, das relações com o outro e consigo mesmo pode

traduzir o que é essa escuta atenta. Ela me impulsionou a refletir, a partir de minhas pesquisas anteriores, sobre o quanto estive nesse caminho de perceber a consciência do sujeito em seu processo formativo.

Não quero incorrer em reduções ou interpretações a priori, pois posso estar me apropriando desses conceitos sem abarcar suas complexidades aqui. Como mencionei, meu interesse em meus escritos está construído sob a premissa de compartilhar meus momentos formativos e instrumentalizar meu olhar para meu objeto de estudo, bem como evidenciar minha rede de interessamentos que estou dialogando, de forma aproximada ou mesmo distanciada, comigo e minhas elucubrações, considerando minhas experiências como pesquisador em formação. Meu olhar intenta se dirigir, com atenção consciente e escuta atenta, à música que ocorre no sujeito, buscando evidenciar seus processos formativos, entendendo que eles assumem um comportamento fenomenológico e formativo, como dispositivo ou como uma dimensão do ser existencial.

Talvez as impressões suscitadas até aqui sobre todo esse processo descrito sob a forma de diálogo, inquietações, insujeições e aproximações possam contribuir com esse processo de investigação, entendendo a música como um fenômeno no sujeito. Talvez possam, também, contribuir com apontamentos de escolhas que vão aclarar meus entendimentos desse fenômeno dentro da Pesquisa (Auto)Biográfica, e de um sujeito que perpassa por três momentos – de se formar com a música; de ser consciente da tomada de consciência dessa formação; e de ser um pesquisador (auto)biográfico.

Entendo que é pertinente apresentar algumas premissas que se desvelaram em minha pesquisa em andamento e que, de algum modo, norteiam meu pensamento, ora em construção até aqui. Tais premissas estão baseadas nos seguintes pressupostos provisórios: a) a compreensão a partir da ótica e vivência de pesquisadoras formadoras do como a música é lida, compreendida, e experimentada por elas, pode revelar novos entendimentos para ampliar suas discussões a alcançar novas frentes de trabalho; b) tais pesquisadoras são sujeitos capazes de gerir a sua tomada de consciência em um movimento autônomo em sua própria reflexividade, ou seja, capazes de olhar pra si mesmas e terem dimensões da compreensão da vida que se vive e se formar constantemente nela; c) as ações acadêmicas e pessoais estão entrelaçadas com aquilo que lhes atravessou e aquilo que projetaram e

continuam projetando em suas histórias de vida. A hipótese da tese está construída sob a percepção de que as experiências musicais anteriormente vividas instrumentalizam seus olhares para a música que perpassa em seus escritos, entendendo essa música como um fenômeno no sujeito que perpassa por três momentos – de se formar com a música; de ser consciente da tomada de consciência dessa formação; e de ser uma pesquisadora (auto)biográfica.

Questões emergem desse panorama apresentado, quais sejam: Como essas pesquisadoras veem a música em suas pesquisas? Que experiências em suas histórias de vida evidenciam seu projeto de formação com a música? Que sentidos de sua própria formação emergiram e emergem desse projeto de si? Entendo que tais questões de pesquisa trarão novas compreensões acerca dos processos individuas que potencializam suas tomadas de decisão e produziram avanços em suas perspectivas. Dessas questões nascem os objetivos de pesquisa, que norteiam este estudo. O objetivo geral consiste em compreender, pelas experiências musicais, como a música é evidenciada e compreendida em produções científicas de professoras formadoras, pelos sentidos produzidos para si mesmas e para o outro. Os objetivos específicos consistem em entender como esses sentidos produzidos pelas autoras com a música evidenciam seus dispositivos de formação em suas histórias de vida; como ressignificam suas experiências musicais em seus escritos de si, bem como pelas narrativas (auto)biográficas; e compreender como constroem conhecimento para a área a partir da tomada de consciência de seus processos formativos.

Considerações Finais

O estudo ora apresentado como parte de um processo de investigação, entrelaçado com pressupostos da Pesquisa (Auto)Biográfica, certamente tem grandes desafios, bem como potenciais a serem evidenciados. O projeto teórico em curso caminha em direção às histórias de vida de destacadas pesquisadoras formadoras da Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação Musical dentro do espectro dos seus projetos de formação e de transformação, bem como, de vida e suas dinâmicas de ser no mundo.

O panorama até aqui apresentado se estruturou com base nas reflexões em meu processo formativo, pela minha rede de interessamentos em minha trajetória, que

impulsionou e continua a impulsionar esta pesquisa. Talvez o caminho que se desenha a cada passo aqui intenta chegar em um lugar em que as tomadas de consciência, bem como a consciência sobre elas, estejam evidenciando seus processos de formação com a música. Entendo que pelo processo de escuta do sensível pode se ter a compressão da dinâmica entre as “notas musicais” vividas e os sentidos das experiências com elas, que emergem de suas histórias de vida, evidenciando a trama de interpretações e significados em seus escritos no presente e no futuro, bem como entendendo sua existência com aquilo que produz a arte de viver em ligação e partilha.

Referências

BOWMAN, Wayne D. Philosophical Perspectives On Music. Oxford University, march. 1998.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FIGUEIRÔA, Arthur de Souza. A construção de laços com as Escolas Parque de Brasília: Narrativas (auto)biográficas com professores de música. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação. Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Caminhar para Si. Tradução: Albino Pozzer. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia 'reflexiva' à fenomenologia hermenêutica. Princípios, Natal, v.19, n. 31, p. 79-98, jan/jun. 2012.

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à fenomenologia. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.